



Eixo 4 – Ciência da Informação: diálogos e conexões

Enfrentar a desinformação científica com leitura crítica: reflexões sobre a experiência de uma ação de extensão

Addressing Scientific Disinformation Through Critical Reading: reflections on the experience of a university outreach program

Wangy Radtke dos Santos – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) – radtkewangy@gmail.com

José Cláudio Matos – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) – jose.matos@udesc.br

Bruno Graciosa – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) – bruno.graciosa@hotmail.com

Leonardo Ripoll – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – leonardo.ripoll@ufsc.br

Resumo: O artigo relata a experiência da "Oficina de Leitura Crítica: Como enfrentar a desinformação científica?", ação de extensão Confiabilidade Informacional e Combate à Desinformação no Ambiente Digital (CIDAD) em parceria com o grupo Adubações Freireanas da UFSCar. Discutiu-se o livro da Academia Brasileira de Ciências, "*Desafios e estratégias na luta contra a desinformação científica*". Orientada pela metodologia da leitura reflexiva e dialogada, a oficina consolidou a prática da leitura crítica para a avaliação de fontes, evidências e discursos, articulando o pensamento crítico ao debate público sobre a desinformação.

Palavras-chave: Oficina de Leitura. Leitura Crítica. Desinformação Científica. Negacionismo. Extensão Universitária.

Abstract: This paper reports on the experience of the "Critical Reading Workshop: How to Address Scientific Disinformation?", an outreach initiative of the "Informational Reliability and Misinformation Combat in the Digital Environment" (CIDAD), developed in partnership with the Adubações Freireanas group at UFSCar. Using the reflective and dialogic reading methodology, the workshop discussed the book *Challenges and Strategies in the Fight Against Scientific Disinformation*, published by the Brazilian Academy of Sciences, articulating educational strategies to fostering critical thinking and public debate on the misinformation landscape. This experience indicates critical reading as a formative strategy for evaluating sources, evidence, and discourses.



Keywords: Reading Workshop. Critical Reading. Scientific Disinformation. Denialism. University Extension.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo relata a experiência de uma ação de extensão do programa Confiabilidade Informacional e Combate à Desinformação no Ambiente Digital (CIDAD), iniciativa conduzida pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) em parceria com a Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A “Oficina de Leitura Crítica” é uma das ações mais antigas e recorrentes do CIDAD. A edição de 2025 teve como subtítulo: “Como enfrentar a desinformação científica?” e analisou o livro *“Desafios e estratégias na luta contra a desinformação científica”*, da Academia Brasileira de Ciências. destaca-se a parceria com o grupo de pesquisa AduBações Freireanas, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

A partir da descrição e análise da oficina, o artigo comunica resultados da ação, mas, acima disso, compartilha a experiência e discute fundamentos para iniciativas semelhantes em ambientes acadêmicos. Busca-se inspirar práticas de prevenção e combate à desinformação por meio do método da leitura reflexiva e dialogada, nos moldes como é praticada pelo CIDAD. Além de apresentar com o público interessado fundamentos conceituais sobre desinformação científica e seu combate, por meio da educação para a cientificidade e o pensamento crítico.

2 A “OFICINA DE LEITURA CRÍTICA” NO CONTEXTO DO CIDAD E DA PARCERIA INTERINSTITUCIONAL

Desde 2006, sob coordenação do professor José Claudio Matos, a Oficina de Leitura Crítica é oferecida ao público na forma de projeto de extensão no Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED) da UDESC. Nesses vinte anos de realização, diversos temas e ciclos de leitura tiveram lugar em relação constante com a pesquisa e o ensino de graduação e pós-graduação. Esta integração com a pesquisa deu origem a uma metodologia denominada “leitura reflexiva e dialogada”, que fundamenta seus procedimentos nas teorias do naturalismo de pensadores como John Dewey e Daniel Dennett. Este método está descrito em detalhes no livro *Interpretação filosófica de textos: manual didático* (Matos, 2011), e mais tecnicamente no artigo *A interpretação*



de textos e a formação da pessoa reflexiva: sobre a concepção deweyana da leitura (Matos, 2013), em que se afirma:

Ao percorrer um texto, acompanhando e decifrando seu sentido, o leitor reflexivo está seguindo sugestões, atribuindo a elas diferentes valores, conforme sua própria experiência e conforme a situação na qual elas se apresentam. A descoberta desta solução, por sua vez, caracteriza a consumação de uma experiência que a relação com o texto provoca (Matos, 2013, p. 587).

A aplicação desta metodologia foi combinada com procedimentos importados das práticas provenientes do Grupo de Pesquisa AduBações Freireanas, e o resultado foi uma diversificação de análises e de conclusões resultantes da leitura do livro.

A partir de 2019, a Oficina de Leitura Crítica passou a integrar as ações correlatas do CIDAD, programa que nasceu na Biblioteca Universitária da UFSC, sob coordenação do bibliotecário Leonardo Ripoll. Em 2021, foi apresentada a proposta do CIDAD para funcionamento na UDESC, e desde então o programa é conduzido na forma de parceria interinstitucional, acolhendo ao longo de sua trajetória integrantes de outras instituições, com percursos formativos diversos. A busca de parcerias e de pertencimento a redes como a Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNCD), também tem sido um objetivo, visando a ampliação do alcance de suas ações.

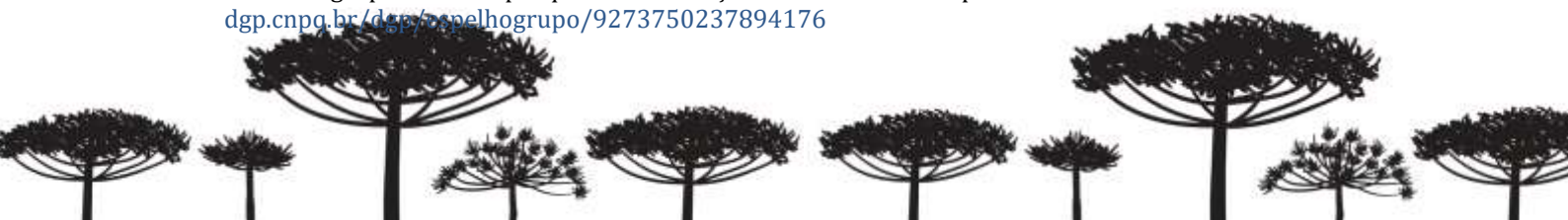
A edição de 2025 da Oficina de Leitura Crítica, voltada à discussão sobre o enfrentamento da desinformação científica, ocorreu com a colaboração do grupo de pesquisa AduBações Freirianias, da UFScar. A parceria possibilitou articular a metodologia da leitura reflexiva e dialogada, desenvolvida com práticas oriundas de perspectivas pedagógicas, enriquecendo o processo interpretativo da obra.

Inscrito no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o grupo de Pesquisa AduBações Freireanas apresenta a seguinte descrição de suas ações:

O presente grupo dedica-se aos estudos e às pesquisas dos possíveis diálogos interdisciplinares de educação em natureza, sociedade e cultura, balizados pelos fundamentos filosóficos das tendências pedagógicas críticas, particularmente em Pedagogia Libertadora (CNPQ, 2022)¹.

O AduBações Freireanas é liderado pela professora Juliana Resende Torres, cuja participação como contribuidora da oficina promoveu o enriquecimento da discussão, em torno dos trechos da obra que foram selecionados. O grupo conta atualmente com

¹ O grupo de pesquisa AduBações Freirianias pode ser encontrado em: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9273750237894176



onze pesquisadores cadastrados, além de oito estudantes. Um total de seis pessoas da equipe participou das etapas de planejamento, execução e avaliação da oficina².

3 METODOLOGIA

O artigo se constitui como um relato de experiência. Na formulação de Mussi, Flores e Almeida (2021, p. 65):

O relato de experiência é um tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição da intervenção. Na construção do estudo é relevante conter embasamento científico e reflexão crítica.

Considerando, nos termos acima citados, a descrição de uma vivência acadêmica acompanhada de reflexão crítica, o presente trabalho toma como fonte registros da oficina, incluindo transcrições das sessões e registros do ambiente virtual. Os participantes foram previamente informados sobre a transcrição dos encontros e sobre a possibilidade da produção acadêmica decorrente da oficina. Como não houve coleta de termos de autorização, a análise não identifica participantes nem atribui falas, utilizando os registros de forma descritiva e analítica. A partir das transcrições e da bibliografia especializada, foi elaborada a presente estrutura argumentativa.

A natureza do estudo é descritiva e sua forma de abordar os dados é qualitativa, ou seja, representa o conhecimento na forma de conceitos ou categorias, cuja interpretação e análise constituem o movimento original do estudo. Convém, ainda, explicar a metodologia empregada. Este projeto, ao longo de seus anos de vigência, e em articulação com a pesquisa e o ensino de graduação e pós-graduação, desenvolveu uma metodologia a que denomina “leitura reflexiva e dialogada”. Uma forma de apresentar o texto a um grupo de leitores e conduzir sessões de leitura em que o texto é investigado e seu significado é construído coletivamente, como um processo de investigação e de comunicação entre os leitores (Matos, 2011).

Na prática, isso envolve apresentar um trecho do texto, ler em voz alta para apresentá-lo aos participantes e, a partir daí, discutir e construir a interpretação coletivamente. A dinâmica da leitura crítica não envolve uma forma de aula expositiva: a atividade de análise é guiada pelo texto e pela interação dos participantes.

2 O grupo de pesquisa possui uma página na internet ([Grupo de Pesquisa AduBações Freireanas](#)) e um perfil na rede social Instagram ([@adubaçõesfreirianas](#)).



A “Oficina de Leitura: Como Enfrentar a Desinformação Científica?” foi realizada nos dias 03, 10, 17 e 24 de junho de 2025. A obra desta edição foi o livro “*Desafios e estratégias na luta contra a desinformação científica*”, da Academia Brasileira de Ciências. Houve 357 inscritos, com participação efetiva de 89 participantes, pela média dos quatro encontros. O ambiente de realização da oficina foi a plataforma Teams, da Microsoft. Ali se reuniram os participantes e trechos do livro iam sendo sucessivamente projetados, lidos e interpretados. Ao final, no último encontro, foi feita uma rodada de avaliação da experiência, em que todos os participantes e a equipe foram convidados a fazer suas considerações.

4 DESINFORMAÇÃO CIENTÍFICA E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO

Um dos fundamentos do CIDAD é o conceito de desinformação, que em Fallis (2015) e Wardle e Derackshan (2023) não se limita à circulação de conteúdos falsos, mas envolve práticas intencionais de produção, manipulação e potencialidade de ampliação de informações enganosas. A abordagem proposta situa a desinformação em contextos culturais, políticos e econômicos, superando uma leitura baseada na simples oposição tradicional entre verdadeiro e falso. Embora seja desafiador diferenciar informação incorreta (*misinformation*) de desinformação (*disinformation*), costuma-se adotar o critério de “intencionalidade”, segundo o qual a desinformação está associada à produção e disseminação deliberada de conteúdos enganosos (Wardle; Derackshan, 2023).

Essa perspectiva se conecta com o conceito de “integridade da informação”, aqui entendida como um gradiente, medido a partir de indicadores de equilíbrio de um ecossistema de informação. Por integridade da informação se considera a “precisão, consistência e confiabilidade da informação” (ONU, 2024, p. 5). Trata-se de uma concepção importante, pois o fenômeno da desinformação não deve ser considerado unicamente uma falha da informação ou de conhecimento.

A desinformação carrega uma vontade corruptiva (Schneider, 2025), amplia-se para além da esfera pessoal e atinge a sociedade e a democracia. A abordagem relacionada à integridade da informação, direciona a um critério de qualidade do



ambiente informacional e não meramente à correção pontual de uma mensagem desinformativa. Quanto à desinformação científica, é compreendida como:

A disseminação de informações falsas, incorretas ou enganosas relacionadas a assuntos científicos. Pode ser entendida como uma informação formulada com o intuito de enganar ou, ainda, como uma informação científica que pode provocar engano se mal formulada (ABC, 2024, p. 51).

O combate à desinformação científica exige estratégias além da correção factual, entre elas, destaca-se a leitura crítica, entendida como “uma proposta de utilização da criticidade enquanto um complemento qualitativo da leitura usual” (Ripoll, 2020, p. 7). A leitura crítica ultrapassa a compreensão textual e envolve a análise da confiabilidade, do contexto, das intenções, dos efeitos e do compromisso da informação com a realidade (Ripoll, 2020), tornando-se uma competência formativa para questionar e avaliar informações, especialmente quando a desinformação opera por meio da simulação de credibilidade.

Em situações de incerteza e crise, essa avaliação depende da construção de confiança por meio de critérios de argumentação coerente, verificabilidade e responsabilidade discursiva (Vidal, 2021). Sob essa perspectiva, o valor de um discurso reside em sua capacidade de produzir reflexão e formação. Tal entendimento encontra ressonância em Fedro de Platão (2020), para quem os discursos verdadeiramente valiosos são aqueles capazes de permanecer fecundos e gerar novas compreensões nos interlocutores.

4.1 A experiência da “Oficina de Leitura Crítica: Como Enfrentar a Desinformação Científica?”

Com base nessa concepção, a oficina operacionalizou a leitura crítica como prática formativa, orientando a análise à origem, às evidências, à circulação e aos efeitos sociais dos conteúdos discutidos.

essa orientação se materializou, inicialmente, na apresentação da obra e a análise do glossário do livro da ABC. Por sua natureza, o livro foi elaborado para o grande público, não como material técnico ou de linguagem especializada, mas como uma declaração pública da Academia Brasileira de Ciências à sociedade. Nesse contexto, o glossário cumpre a função de uniformizar terminologias e organizar conceitualmente a leitura. Por isso, sua análise foi tomada como ponto de partida.



Segundo o Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia de Cunha e Cavalcanti, glossário é uma “lista alfabética de termos específicos de uma área do conhecimento, com definições e explicações” (Glossário, 2008, p. 180). Na atuação de profissionais da informação, glossário e dicionários (Brasil, 2023; ABC, 2024; Szwako; Ratton, 2022) constituem instrumentos importantes para estruturar dinâmicas educativas sobre a desinformação. Por isso, iniciar a oficina pelo Glossário mostrou-se adequado à familiarização conceitual dos participantes. Essa familiarização inicial, contudo, não eliminou dificuldades conceituais, mas provocou novas inquietações aos leitores.

Nas discussões com o público, observou-se que alguns conceitos relacionados à desinformação científica provocaram inquietações, como a classificação de certos saberes de comunidades não-tradicionais como “pseudociência” e a desconfiança em relação à regulamentação de conteúdos digitais. Foram formuladas questões como: *como definir “pseudociência” sem impactar conhecimentos que não se enquadram em desinformação e negacionismo científico? Como pensar ações de regulamentação em escala internacional, se os sentidos de “liberdade” variam entre as sociedades?*

Ao discutir o negacionismo científico, o fenômeno foi descrito pelos participantes como simultaneamente político, cognitivo e institucional, sendo tanto um “posicionamento político” quanto uma prática que “nega a realidade para escapar de uma verdade desconfortável”, muitas vezes “sem contraprova” ou justificativa. Destacou-se, ainda, a atitude de “subjeter tudo, inclusive fatos concretos”, bem como a tensão social produzida ao “negar a utilidade da universidade, logo da ciência”. Esses elementos podem evidenciar a crise epistêmica percebida pelos participantes. No decorrer das sessões, alguns exemplos foram mencionados pelos participantes diante de definições, como a de “negacionismo” descrito como:

A rejeição deliberada e não fundamentada de evidências científicas estabelecidas em favor de crenças ou ideologias pessoais. O negacionismo é comumente associado a questões como mudança climática, evolução e eficácia de vacinas. (ABC, 2024, p. 51)

Entre os exemplos fornecidos, destacaram-se os impactos da desinformação nas campanhas de vacinação, tanto no contexto da Covid-19 quanto em relação a outras vacinas, evidenciando como informações falsas influenciam decisões individuais e afetam a saúde coletiva. Outras temáticas correlacionadas, foram citadas, tais como: o terraplanismo, a negação dos malefícios do cigarro, o criacionismo em oposição às



teorias evolutivas, a negação do desmatamento da Amazônia, a relativização ou negação da ditadura militar, a desconfiança em relação às mudanças climáticas, o movimento antivacina e as narrativas conspiratórias.

Ao abordar o conceito “crise epistêmica”, a leitura concentrou-se na expressão “decisões informadas”, problematizada ao longo do encontro. Sua discussão foi associada às ideias de acesso à informação confiável, uso de evidências científicas e capacidade racional de escolha. Nesse sentido, a ABC define crise epistêmica como:

Crise na produção, confiabilidade e validação do conhecimento. Pode ocorrer devido a uma série de fatores, como a disseminação de informações errôneas ou falsas, a desconfiança generalizada nas fontes tradicionais de conhecimento, a polarização da informação e a falta de consenso sobre fatos objetivos. A crise epistêmica pode minar a capacidade da sociedade de tomar decisões informadas e baseadas em evidências, comprometendo a confiança nas instituições de pesquisa, na ciência e na educação (ABC, 2024, p. 52).

Tomando essa definição como ponto de partida, os participantes passaram a discutir exemplos históricos de crises epistêmica, com menção a Copérnico, ao Iluminismo e ao debate entre darwinistas e lamarkistas. O objetivo era compreender o que poderia caracterizar a crise epistêmica contemporânea.

Para isso, recorreu-se à provocação de Bruno Latour sobre a perda de efeito da crítica. Para o autor, o perigo da crise epistêmica atual decorre de “um excesso de desconfiança em boas questões de fato disfarçadas de maus preconceitos ideológicos!” (2020, p. 177). Nesse ponto, discutiu-se a articulação entre movimentos negacionistas, teorias conspiratórias e a crítica à ciência. Na interpretação compartilhada pelo grupo, as “crises não são necessariamente negativas, seu problema parece residir em seu grau, na perda completa de um referencial e destruição da ciência a favor do capital, teorias políticas ou grupos religiosos”.

Diante desse cenário, o questionamento pode ser confundido com uma atitude criticidade extremada, empregado para legitimar discursos conspiracionistas e negacionistas sem fundamento. Por isso, a leitura crítica, entendida por Ripoll (2020) também como crítica da leitura, torna-se uma instância de mediação, pois seu questionamento é demarcado pelo reconhecimento de crenças, emoções e vieses, além da maturação de um “fator ético que produz a autocrítica” (Ripoll, 2020).

Em sentido oposto, o negacionismo pode ser entendido como uma disfunção da criticidade, na medida que abandona critérios compartilhados de validação e compromete a construção pública do conhecimento. Assim, a crise epistêmica não



decorre da falta de informação, mas da dificuldade de desenvolver competências para distinguir evidências, avaliar fontes e sustentar decisões informadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Oficina de Leitura Crítica insere-se no eixo educativo e cognitivo-comportamental de enfrentamento à desinformação, ao articular letramento científico, influências de inoculação (prebunking) e reflexão coletiva, demonstrando o potencial da leitura reflexiva e dialogada como metodologia para o desenvolvimento de competências críticas aplicáveis ao enfrentamento da desinformação.

A oficina constituiu um espaço coletivo de construção de sentidos, no qual conceitos abstratos foram relacionados a experiências socialmente verificáveis e submetidos à avaliação reflexiva de fontes, evidências e discursos. Como um cultivo exige tempo, acompanhamento e atenção às condições de desenvolvimento, a formação crítica demanda condições semelhantes. Assim compreendida, a leitura crítica aproxima-se da imagem apresentada por *Fedro* no platão, em que discursos semeados em terreno fértil germinam, produzem novas sementes e fecundam outras almas. O valor dos resultados da experiência relatada reside, portanto, menos na transmissão de conteúdos específicos do que na formação de disposições intelectuais e práticas interpretativas passíveis de reprodução em outros contextos educativos, contribuindo para a formação de leitores capazes de atuar criticamente diante da desinformação.

A reflexão conduzida permite concluir que é fundamental insistir em atividades de leitura atenta e profunda, compreendendo-a também como discussão pública de temas de interesse coletivo. A extensão universitária, integrada ao ensino e à pesquisa, tem vocação para impactar a sociedade aberta com o conhecimento produzido nas universidades. Com a participação de bibliotecas e unidades de informação, ações de extensão constituem um ponto de resistência contra a desinformação científica.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS (ABC). **Desafios e estratégias na luta contra a desinformação científica**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2024.



BRASIL. Supremo Tribunal Federal (STF). **Glossário de termos-chave do Programa de Combate à Desinformação do STF**. Brasília: STF, 2023.

CNPQ. **Grupo Aduções Freirianas**: Diálogos Interdisciplinares de Educação em Natureza, Sociedade e Cultura. 2022. Disponível em: dgp.cnpq.br.

COOK, J; LEWANDOWSKY, S; ECKER, Ullrich K. H. Neutralizing misinformation through inoculation: exposing misleading argumentation techniques reduces their influence. *PloS One*, v. 12, n. 5, 2017.

FALLIS, D. What is disinformation?. *Library Trends*, v. 63, n. 3, p. 401-426, 2015.

GLOSSÁRIO. In: CUNHA, M. B; CAVALCANTI, C. R. O. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008, p. 180. *E-book*.

LATOURE, B. Por que a crítica perdeu a força? De questões de fato a questões de interesse. **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 46, p. 173-204, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/oqfnfp/article/view/748>

MATOS, J. C. **Interpretação filosófica de textos**: manual didático. Florianópolis: UDESC, 2011.

MATOS, J. C. A interpretação de textos e a formação da pessoa reflexiva: sobre a concepção deweyana da leitura. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 27, n. 54, p. 579-596, 2013.

MUSSI, R. F. de; FLORES, F. F; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, out./dez. 2021.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Princípios globais das Nações Unidas para a integridade da informação**: recomendações para ação de múltiplas partes interessadas. [S. l.]: ONU, 2024.

PLATÃO. **Fedro ou Da Beleza**. Lisboa: Guimarães editora, 2000.

RIPOLL, L. In: RIPOLL, L; MATOS, J. C; OLIVEIRA, W. F. **Leitura crítica na contemporaneidade**: abordagens multidisciplinares. Florianópolis: Biblioteca Universitária UFSC Publicações, 2020. p. 7-12. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/218566>

SCHNEIDER. M. **Fascismo Zumbi**: desinformação, mídias sociais, inteligência artificial e outras histórias de terror do nosso tempo. Rio de Janeiro: Garamond, 2025.

SZWAKO J; RATTON, L. **Dicionário dos negacionismos no Brasil**. Rio de Janeiro: Cepe, 2022.

VIDAL, F. *Rhetorical ethics in handling of information*. **Informatio**, v. 26, 2021.



WARDLE, C; DERAKHSHAN, H. **Desordem Informacional**: para um quadro interdisciplinar de investigação e elaboração de políticas públicas. Campinas: Centro de Logica, Epistemologia e História da Ciência da Unicamp, 2023.

